

Mimese e Consciência do Homem Histórico

Raquel Célia Silva de Vasconcelos*

Resumo: A “faculdade mimética” é responsável pela aprendizagem ocorrente na relação entre homem e natureza. O desaparecimento dessa faculdade corresponde à perda da identidade e da “experiência”. Ela facilita a emancipação da consciência do homem histórico, por permitir a produção de “semelhanças”. Ela se fragiliza com a formação da cultura burguesa e afasta o homem da natureza, o que resulta no desvio da civilização e no aparecimento de uma “nova barbárie”. Separa o homem da origem para propiciar o avanço técnico e científico. A fragmentação do homem facilita a “perda do *ethos* histórico”. A ciência e a técnica levam o homem ao processo de automação e nivelamento que anula a ação consciente. A promessa burguesa de emancipação da humanidade prende-se aos conceitos vazios de liberdade, autonomia e identidade. Estes são metáforas esvaziadas pelo progresso que ocasiona a metamorfose da consciência burguesa. A ciência aprisionada à técnica elimina a reflexão e leva o homem a permanecer subjugado à convenção.

Palavras-chave: Imagem, memória, *ethos* histórico, fragmento, consciência do homem histórico.

Abstract: “Mimetic faculty” is responsible for the learning obtained from the relationship between man and nature. The disappearance of such faculty corresponds to the identity and “experience” loss. “Mimetic faculty” facilitates historical man’s consciousness emancipation, since it allows the production of resemblances. It is weakened with bourgeois culture raising, since it sends man away from nature, which results in civilization’s deviation and in a new “appearing of barbarity”. Man is separated from his origin to provide scientific and technical advance. Man’s fragmentation facilitates “historical *ethos* loss”. Science and technique lead man to the automation and levelling process that annuls the aware action. The bourgeois promise of humanity emancipation is attached to the empty concepts of liberty, autonomy, and identity. Such terms are metaphors emptied by progress, which generates metamorphoses within bourgeois conscience. Science imprisoned by technique eliminates reflection and leads man to keep overpowered by convention.

Keywords: Image, memory, historical *ethos*, fragment, historical man’s consciousness.

Introdução

O objetivo desse ensaio é analisar em alguns escritos de Walter Benjamin a crítica ao desenvolvimento da metrópole moderna em sua feição fantasmagórica. Sua teoria facilita compreendermos o aspecto antropológico da análise acerca da ação do homem moderno, ação essa que perpassa a esteira da consciência de si e do mundo. Ele reivindica uma consciência que ultrapassa as barreiras da Ciência, da Filosofia e da Religião para encontrar na Arte o aspecto singular e expressivo do humano porque ela comporta todas essas dimensões e contém em si um conteúdo de verdade (*Wahrheitsgehalt*) e, ainda, ultrapassa os limites espaço-temporal por possuir a totalidade. A arte facilita à consciência histórica interpretar os sonhos da modernidade.

*Graduação e Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), doutoranda na Pós-Graduação em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – FACED e integrao projeto PROCAD– CAPES: 137/2007 (Biopolítica, escola e resistência: infâncias para a formação de professores), ligado ao eixo: Filosofia da Diferença, Antropologia e Educação.

Na dimensão antropológica, Benjamin pensa uma consciência comprometida do ponto de vista da ação para atingir as dimensões de valorização e recobro da memória coletiva dentro de uma *práxis*, porque “considera a estrutura da memória como decisiva para a experiência. A experiência não consiste precisamente com acontecimentos fixados com exatidão na lembrança, e sim, em dados acumulados, frequentemente de forma inconsciente, que afluem à memória”¹. Na dimensão cultural, a memória aproxima o homem da tradição através do inconsciente que faz eclodir a ideia, para depois transferi-la ao consciente desperto por meio da imagem do passado fornecida pelo materialismo histórico fixado pela memória.

A *práxis* da consciência histórica é entendida como positiva, quando ocorre numa dimensão de realização da dialética entre imagem e ideia mediada pelo “agora da cognoscibilidade” (*Jetzt der Erkennbarkeit*). Este faz a leitura do “materialismo histórico” do presente como resposta do materialismo histórico do passado identificado no presente. A relação dialética entre teoria e prática traz a consciência do homem histórico.

Automatização e a perda do *ethos*.

A automatização e a “perda do *ethos*” correspondem às transformações ocorridas na Modernidade, cuja gênese se encontra no avanço técnico – científico como fator primordial que determina todo processo produtivo, facilitando a dissociação das esferas de valores culturais (arte, ciência e moral). A distinção entre ciência e as demais esferas de valores conduziu o conhecimento ao processo de setorização que culminou na própria fragmentação do homem, sobretudo, com a justaposição entre ciência e técnica.

Assim, os paradigmas válidos para a ciência correspondem à injunção instrumental, apreensão direta e verificação, facilitando sua imposição em relação aos outros campos do saber. A ciência é um dos métodos, indubitavelmente, mais apropriados para o alcance da verdade, mas ela não é produtora de significação. Ela trouxe a possibilidade do estudo do universo material, ao mesmo tempo, conduziu o homem à condição de autômato quando se associou à técnica.

Portanto, compreende-se a relação entre automatização e perda do *ethos* quando se compreende que nas ciências formais: objeto e forma estabelecem

¹ BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. IN: **A Modernidade e os modernos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, p. 38.

identidade no plano conceitual e, nas ciências factuais, eles se distinguem, pois a forma faz a mediação lógico-linguística do objeto real no pensamento.

Nesse sentido, presencia-se a tentativa de estabelecer todas as relações, do ponto de vista ético e social, no âmbito da “razão instrumental”, que sempre incorporou à técnica enquanto primazia da força produtiva. Isso fortalece a objetivação da relação eu-outro, afastando o homem da realidade histórico-social, embora Benjamin veja na técnica a possibilidade de emancipação e democratização e, isto pode ser observado quando ele analisa a transição da mimese para linguagem, imprescindível para compreender como a cultura da Modernidade se torna mimética.

Em **A doutrina das semelhanças** (*Lehre vom Ähnlichen*), Benjamin analisa do ponto de vista histórico o conceito de mimese, sua supressão com o advento do Iluminismo e sua transição para a linguagem. Nesse sentido, a mimese se torna o instrumento que possibilita decifrar a “mitologia da modernidade”, tendo em vista que, ela propicia à “faculdade mimética” (*das mimetische Vermögen*) - responsável pela identificação entre homem, natureza e as coisas - valorizar os símbolos no ritual de semelhança através da linguagem.

A mimese para os antigos facilitava a relação de empatia do homem com as forças naturais, possibilitando a harmonia por meio da identidade que se estabelecia na sua relação com a natureza, conduzindo-o à convivência comunitária. Por meio da faculdade mimética, a “mimese^{2*}” (*mimesis*) permite uma espécie de comunicação que proporciona cada sujeito abrir-se a outras subjetividades contidas na natureza mediante um processo de assimilação ritual. Os povos antigos, ao utilizarem a comunicação simbólica, deixavam predominar na relação homem e natureza a dimensão ontológica de característica direta e espontânea.

No mundo Moderno, o Iluminismo torna a mimese desnecessária para relação de semelhança, eliminando o antropomorfismo, o que ocasiona a extinção dos rituais miméticos, fazendo a natureza sair da condição de sujeito para assumir a condição de objeto. Assim, o Iluminismo propicia a comunicação *eu - outro* por meio de signos elaborados pelo sujeito pensante que tem na linguagem matemática o fundamento lógico, cujo pressuposto é o princípio de identidade e/ou não contradição. Isso demonstra que toda comunicação entre homem e natureza ocorre no plano da abstração.

**Mimesis* (mimeses) corresponde ao princípio teórico básico para a criação da arte, pois significa imitação, não no sentido de reprodução, mas de representação do mundo. Sua origem remete a antiga Grécia, um tema desenvolvido pelos filósofos Platão e Aristóteles.

Por sua vez, essa comunicação se dá a partir de uma relação unilateral absoluta do sujeito pensante em direção à natureza. A objetivação da natureza pressupõe a predominância do sujeito absoluto transcendental.

A princípio, a história da faculdade mimética corresponde ao próprio desenvolvimento do homem do ponto de vista da filogênese e da ontogênese, nomeados por Benjamin de sentidos, “filogenético” (*Phylogenetische Bedeutung*) e “ontogenético” (*Ontogenetische Sinn*), por se fazerem presentes na comunicação. Ambos são processos de desenvolvimento e adaptação à natureza porque correspondem ao processo civilizatório. Pode-se dizer que a ontogênese e a filogênese são responsáveis pela evolução do *Homo Sapiens* que acelera esse processo com a apreensão e o refinamento da linguagem.

O sentido ontogenético se estende ao estudo do desenvolvimento cognitivo através da relação ontológica do homem com a natureza, que se inicia na fecundação e se aperfeiçoa na infância com as brincadeiras e jogos infantis, culminando na apreensão do mundo através de conceitos. Isto pressupõe que o sentido ontogenético é responsável pela aquisição da linguagem por possibilitar a organização social, generalização e compreensão dos códigos linguísticos.

Isto leva a crer que as brincadeiras e os jogos infantis colaboram no desenvolvimento cognitivo, na aquisição da linguagem e facilita a relação social. Portanto, eles funcionam como princípio de constituição da faculdade mimética. A principal função deles é o aprimoramento da capacidade compreensiva em relação à natureza e seus fenômenos.

Nesse sentido, a faculdade mimética possibilita a compreensão do eu com o outro no processo de desenvolvimento da alteridade que se inicia na infância. Para Benjamin, “os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos, que não se limitam de modo algum à imitação de pessoas, mas também a objetos e fenômenos naturais³”. Eles facilitam a experiência da criança com o mundo, facilitando o aprendizado e, ainda, permitem o aperfeiçoamento da linguagem na fase inicial. As brincadeiras e os jogos são simbólicos, neles se encontra a origem da linguagem e, com eles, a criança desperta para convivência em comunidade por constituírem a origem dos hábitos.

³ BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. IN: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras escolhidas, 4ª ed. São Paulo, Editora brasiliense, p. 108.

Assim, a faculdade mimética, um privilégio da razão, fornece capacidade ao homem de perceber que as semelhanças naturais são determinantes para sua existência, pois permitem o aprendizado e a convivência social. Portanto, o adestramento da atitude mimética, iniciado na infância, é compreendido também através do significado filogenético do comportamento mimético da criança.

O significado filogenético se encontra em toda a natureza, desde os primórdios, cuja função é conduzir o homem à vida por meio do progresso do comportamento e de sua adaptação ao mundo como condição de possibilidade da própria sobrevivência. Ele é responsável pelo desenvolvimento do pensamento reflexivo através da produção de semelhança extra-sensível, que inicialmente se dá na relação ontológica.

Por certo, a natureza é determinante na produção de semelhanças porque aproxima o homem da origem, fundamental para o sentido da existência. Essa aproximação facilita a produção de “semelhanças extra-sensíveis”, uma vez que a linguagem é determinante nessa produção por ser, para os modernos, o fio condutor do pensamento que propicia a reflexão. Isso pressupõe que o desenvolvimento da linguagem iniciada na infância através do corpo se estende à elaboração do pensamento responsável pela produção dos conceitos, que por sua vez, refina esses conceitos em ideias.

Para os modernos, o significado filogenético não se limita mais ao conceito e ao significado de experiência que se tinha dos antigos porque a linguagem assume o poder de significação, tornando o sentido de semelhança muito mais vasto, embora a semelhança natural somente assuma sua significação decisiva quando a natureza consegue estimular e despertar a faculdade mimética. Benjamin observa que houve uma transição das “forças miméticas, das coisas miméticas e seu objeto⁴” para a linguagem, o que significa afirmar que, de um século a outro, a “energia mimética” transitou para a linguagem que possibilitou um salto para o processo civilizatório.

Os novos espaços ocupados pela energia mimética e pelo dom da apreensão mimética estão presentes no universo do homem moderno, mas em quantidade bastante reduzida das correspondências mágicas oriundas das semelhanças na comunicação entre a criança e a natureza. Benjamin observa que a faculdade mimética passou por uma transformação: a apreensão dos astros feita pelos antigos não é a mesma apreensão feita pelos modernos. No mundo moderno não é mais necessária a

⁴ Idem, p. 109.

imitação dos processos celestes para o aprendizado e a virilidade. Mas, pode-se afirmar que a imitação dos antigos assegurou à astrologia moderna a apreensão experimental do processo celeste.

Os antigos atribuíam o “gênio mimético” ao recém-nascido como força determinante por possuir a plenitude do “dom mimético” e conceber o equilíbrio perfeito à ordem cósmica. Para os modernos, a força determinante e plena é atribuída à razão analítica, tendo em vista seu poder de dominar a natureza no plano objetivo.

Isso pressupõe que o nascimento seria o momento decisivo de percepção das semelhanças por definir a origem e o sentido de existência para os antigos, pois o nascimento representa uma nova vida que se firma na relação de semelhança estabelecida entre a criança e a mãe numa dimensão natural de percepção extra-sensível mediada pela experiência sensível.

Assim, o instante presente no nascimento é concebido por Benjamin como um estado de vigília da razão. Por certo, somente a razão em vigília constante consegue, em determinada dimensão temporal, captar as semelhanças. A vigília ocorre numa dimensão não sensível, com a participação da linguagem, tornando-se aliada importante da faculdade mimética, por possuir um número bastante significativo de palavras onomatopaicas.

Para Benjamin, a gênese de determinadas palavras e, até mesmo a língua estão presentes no conceito da semelhança extra-sensível⁵. Com os modernos, inicialmente a linguagem recebia influência da faculdade mimética por meio da onomatopeia que estabelecia a relação entre o objeto e a palavra, que aos poucos foi desaparecendo, o que pressupõe a desvinculação entre conceito e realidade.

Na infância, a onomatopeia significa a imitação dos sons no âmbito da gênese da linguagem alheia à convenção de signos. Ela aproxima a linguagem de sua essência presente nas teorias onomatopaicas e facilita a criança elaborar as primeiras palavras, o que corresponde à apreensão verdadeira do conceito sem esvaziá-lo. À medida que a criança desenvolve a linguagem, busca formular os conceitos a partir da semelhança extra-sensível elaborada pelo pensamento através da combinação sonora entre a palavra e o objeto.

Assim, a experiência mimética da linguagem estabelece a relação dialética entre a fala e a escrita, o que propicia ao pensamento experimentar a relação “profana e mágica” da linguagem escrita e oral por meio da “semelhança extra-sensível que

⁵Idem, p. 110.

estabelece a ligação não somente entre o falado e o intencionado, mas também entre o escrito e o intencionado e entre o falado e o escrito. E faz de modo sempre novo, originário, irreduzível⁶”. Nesse aspecto, a faculdade mimética fortalece a simetria entre o falado e o escrito, que transforma a linguagem e a escrita “num arquivo de semelhanças, de correspondências extra-sensíveis⁷”. Isso leva a crer que a faculdade mimética contribui para a origem da linguagem.

Portanto, a dimensão mágica da linguagem e da escrita, todos seus “elementos miméticos” vêm à luz sob a dimensão semiótica e comunicativa da linguagem. Com esses elementos, afirma Benjamin: “abre-se nessa camada profunda o acesso ao extraordinário duplo sentido da palavra “leitura”, em sua significação profana e mágica⁸”. Dessa forma, a leitura perpassa o domínio da capacidade contemplativa porque define a relação de reciprocidade entre a escrita e a linguagem. A significação profana da leitura é revelada pelo inconsciente, que capta a imagem em uma dimensão mágica de experiência extra-sensível da linguagem.

Assim, a leitura de significado profano e mágico se torna compreensível porque é submetida ao um tempo preciso, com o qual o leitor atinge a reflexão, privilegiando a relação dialética entre leitura e escrita em que prevalece a produção de semelhança a partir da vivência estabelecida pela leitura de significado profano e mágico do cotidiano. Desse modo, a reflexão liberta o homem do mito produzido pelo sonho moderno, responsável pela instrumentalização da razão.

O mito moderno é resultado da confiança inabalável dos modernos na ciência que se transforma em tecnicismo, como consequência de um discurso vinculado à convicção da realização do conceito antropocêntrico moderno – de autoconsciência, de autonomia e de liberdade. Os modernos acreditam que são donos de si e de todos e são capazes de tudo e, assim, eles constituem uma ciência que controla a natureza através do processo de objetivação, facilitando sua dissecação em laboratório.

A abstração da natureza, das coisas e do outro representam a afirmação do sujeito autoconsciente, que fundamenta a ciência no plano objetivo. Nessa perspectiva, firma-se o sujeito lógico transcendental que subjuga o outro. Como escreve Olgária

⁶ Idem, p. 111.

⁷ Ibidem, p. 111.

⁸ Ibidem, p. 112.

Matos: “a ciência pretendia superar a mimese do mito e da magia porque a duplicação servo-senhor se realizaria na unidade interior do sujeito do conhecimento⁹”.

Pressupõe-se que a ciência moderna imita a magia dos rituais miméticos dos antigos, quando objetiva a natureza por meio do sujeito do conhecimento, que destaca o objeto da realidade. Isso corresponde a não mais participação da mimese nos rituais de produção de semelhança, presencia-se agora o sujeito do conhecimento determinando a objetivação da natureza. Embora a ciência moderna utilize o ritual mimético para estabelecer a relação de identidade (sujeito-objeto), ela o faz a partir de uma imposição do sujeito lógico-analítico, que se dá apenas no plano conceitual.

A técnica legitima o poder político que se apropria de todas as esferas da cultura através da racionalidade tecnológica como pressuposto da instrumentalização da razão, dificultando a relação entre as esferas do saber (Filosofia, Ciência, Religião e Arte) fundamentais à memória.

Experiência do Choque e Nova Barbárie

A memória aflora à consciência do homem histórico, uma vez que permite a reminiscência de uma história que se encontra na origem, fazendo emergir o vir-a-ser e, nesse sentido, é a origem que transporta o conteúdo histórico do passado ao presente. Como afirma Benjamin: “onde há experiência, no sentido próprio do termo, certos conteúdos do passado individual entram em conjunção na memória com elementos do passado coletivo¹⁰”.

Isso demonstra como a memória conserva a experiência que facilita compreender a “nova barbárie”, formada a partir da imagem da guerra e do contato dos combatentes nas trincheiras. Com o “choque” da guerra, percebe-se a presença de um “novo bárbaro”, visto por Benjamin como um conceito novo e positivo, por aprender com a experiência do choque a necessidade de transformação social e política.

Não se pode esquecer que a Modernidade fora guiada por uma concepção de sujeito, cuja lógica não permite a produção de semelhanças com a natureza, e sua

⁹ MATOS, Olgária Chain Féres. **Os arcanos do inteiramente outro: A Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução**. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 154.

¹⁰ BENJAMIN, Walter. “Sobre alguns temas de Baudelaire”. IN: **A modernidade e os modernos**. Tempo Brasileiro, 2ª ed., Rio de Janeiro, 2000, p.40.

linguagem, capaz de conceitualização e negação, atuando como um instrumento do *status quo*¹¹.

Nessa perspectiva, o progresso da ciência significa o fim das diversas formas de manifestação da mimese como possibilidade de realização da identificação entre homem e natureza. Por isso, Benjamin funda o conceito de progresso sob a ideia de “catástrofe” (*Katastrophe*), porque se presencia o abandono dos ritos sacrificais para permanecer vinculado ao ego, evitando a dissolução do *si*, porque o sujeito do conhecimento é obrigado a ter um controle racional do mundo.

O Iluminismo se apropria da astúcia humana, essencial para o controle racional, por ser pragmática, egocêntrica, ordenadora da cultura, contratual e jurídica. A ação que se verifica na Modernidade é do inumano atuando em todos os campos do conhecimento, facilitando a formação do novo bárbaro que vai a todo custo encontrar caminhos para sobrevivência.

A canonização do cartesianismo pelo Iluminismo delega ao homem a autoridade de objetivar o mundo, deixando-o se prender à esfera do juízo analítico kantiano, que só consegue perceber o caráter imediato do pensamento na esfera espaço-temporal. O juízo analítico renuncia a mimese quando ignora as forças naturais e rompe a harmonia entre o homem e a natureza. A unidade do sujeito racional que busca significado para o objeto, deixa-o sem significação, porque a abstração do mundo pela razão instrumental esvazia o conceito.

A negação do estado de natureza pressupõe uma total negação do passado, desprendimento da tradição com o olhar racional no futuro. Para Benjamin, a natureza e a história são excluídas da elaboração do conhecimento moderno. Na História Natural, verifica-se a relação de imanência entre natureza e história, substituída pela história oficializada do progresso.

Portanto, a busca pelo desenvolvimento do espírito absoluto resulta na subordinação da natureza e da história ao sujeito lógico transcendental que prioriza a informação e a comunicação no âmbito das relações intersubjetivas, as quais anulam a consciência do homem histórico - uma comunicação intencional que distancia a contemplação da verdade porque tem a pretensão de convencer, manipular e não parte de relações afetivas. A valorização do conhecimento informativo e comunicativo da linguagem afasta o homem do saber narrativo da tradição transmitido pela oralidade o

¹¹Idem, p. 154 e 155.

que demonstra que o sujeito lógico-analítico elimina a narração e isola o homem da tradição.

Na concepção de Benjamin, a sociedade burguesa separa a dimensão técnica da dimensão espiritual¹² quando prioriza a ciência para atender a natureza econômica da guerra. Com isso, a ideologia exclui a técnica de sua função no ordenamento social e tolhe a capacidade de comunicação entre as pessoas e, nesse sentido, a técnica perde o sentido de força emancipatória.

A herança cultural do mundo moderno não busca o homem como fim último, mas um meio de experimento científico, social, político e econômico. Ele se torna um instrumento a serviço do desenvolvimento e da valorização da técnica. A felicidade nunca foi o pressuposto no processo civilizatório, pois a própria evolução do pensamento não contribui para vivência do homem no âmbito histórico, cultural e político.

A associação das forças produtivas ao processo técnico-científico se firmou a partir de conceitos abstraídos da realidade utilizados como instrumentos de dominação do homem pelo homem mediado pela técnica. Esta legitima o poder político que se apropria de todas as esferas da cultura através da racionalidade tecnológica como pressuposto da instrumentalização da razão e dificulta a vivência do homem pelo viés de uma visão mais crítica da realidade.

Entretanto, a memória aflora à consciência do homem histórico, uma vez que permite a reminiscência de uma história que se encontra na origem. A história emerge do vir-a-ser e, nesse sentido, é a origem que transporta o conteúdo histórico do passado ao presente. Para Benjamin: “onde há experiência, no sentido próprio do termo, certos conteúdos do passado individual entram em conjunção na memória com elementos do passado coletivo¹³”. A memória se ativa a partir da experiência do choque como possibilidade de transformação histórica.

Assim, a memória conserva a experiência que facilita compreender a novobarbárie, formada a partir da imagem da guerra e do contato dos combatentes nas trincheiras. Com o choque da guerra, percebe-se a presença de um novobárbaro, visto por Benjamin como um conceito novo e positivo, por ver na experiência do choque a necessidade de transformação sociopolítica.

¹²BENJAMIN, Walter. (Organização WilliBolle). Teorias do Fascismo Alemão. IN: **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie**, p. 130.

¹³ BENJAMIN, Walter. “Sobre alguns temas de Baudelaire”. IN: **A modernidade e os modernos**. Tempo Brasileiro, 2ª ed., Rio de Janeiro, 2000, p.40.

Do ponto de vista histórico, onovobárbaro traz a experiência traumática da guerra nas “imagens do pensamento”, conduzindo-o ao estado de choque, que lhe desperta a memória através do inconsciente, permitindo-lhe lançar um novo olhar para a história. O choque permite perceber a história pela relação entre o despertar do inconsciente no consciente via memória.

Na perspectiva antropológica, a experiência do choque faz manifestar o humano no homem adormecido na memória. Nesse aspecto, Benjamin aponta a importância da intrínseca relação entre Epistemologia e Antropologia como condição de possibilidade para transformação da realidade. A reminiscência que se firma pelo choque impele o novo bárbaro à transformação por intermédio da “imagem dialética” da história porque tem a seu favor a presença ativa do “agora da cognoscibilidade” (*Jetzt der Erkennbarkeit*).

Em **Canteiro de obra**, Benjamin esclarece a importante relação entre essas ciências, quando ressalta que “as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas [...]. Em produtos residuais, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente¹⁴”. É no retorno às coisas, que se realiza, na criança, a capacidade de criação e transformação.

Assim, sujeito e objeto entram no processo de ação e reação simultâneas, desenvolvido a partir dos diversos materiais encontrados na natureza que são utilizados pela criança. É no acaso que o processo de criação e transformação dos materiais se desenvolve através do retorno da criança ao mundo das coisas, e é nesse instante que ocorre um desprendimento natural da realidade criada pelos adultos. Nesse retorno, ela se descobre e evita que o adulto seja somente o referencial de aprendizado, demonstrando, assim, que a criança não copia somente as obras dos adultos, mas produz o próprio brincar através das imagens que retira do mundo.

No momento de identificação entre a criança e o brinquedo, manifesta-se nela a mimese, porque “a faculdade mimética possibilita às crianças formarem para si seu mundo de coisas, um pequeno no grande, elas mesmas. Seria preciso ter em mira as normas desse pequeno mundo de coisas, [...], encontrar por si só o caminho que conduz a elas¹⁵”. É na infância que a memória se forma, podendo alcançar a formação da

¹⁴ BENJAMIN, Walter. “Posto de Gasolina”. IN: **Rua de mão única**. Obras escolhidas II, p. 18 e 19.

¹⁵ Idem, p. 19.

consciência do homem histórico, porque toda ação consciente pressupõe refletir, na precariedade, a verdade.

Nesse aspecto, o novo bárbaro é o resultado da consciência lógica e analítica do sujeito que se percebe enquanto humano cheio de possibilidades para transformar a história. Mesmo com a consciência burguesa que facilitou o processo de fragmentação, estabelecendo que corpo e alma não mais realizem a totalidade, mas, o fragmento, como possibilidade de experiência, facilita a consciência histórica perceber a história não contada, porque nele se encontra a totalidade perdida. Com a “fragmentação” (*Zerstückelung*¹⁶), eclode a “melancolia”, estado de espírito singular, que percebe a existência fragmentada.

Assim, o distanciamento entre homem e tradição ocasionou a perda da experiência e conduziu o pensamento lógico-analítico a vincular a História ao progresso da ciência. No entanto, a pobreza de experiência presenciada pelo novo bárbaro, facilita a tomada de decisão, isso pressupõe que a fragmentação ocasionada pela técnica e o esvaziamento oriundo da guerra criam um homem pobre de experiência que conduziu todo conhecimento acumulado ao desvirtuamento. Como observa Benjamin:

a pobreza de experiência que impele o novo bárbaro a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, [...]. Entre os grandes criadores sempre existiram homens implacáveis que operaram a partir de uma tabula rasa¹⁷.

Na concepção de Benjamin, a Arte enquanto fragmento histórico pode atuar no âmbito da ação política, tendo em vista, sua capacidade de re-criação e reflexão da própria história, por ter a seu favor a melancolia. Esta tem na Arte uma aliada porque propicia o momento de re-criação que pode ser transportada para o espaço político quando consegue fazer o homem perceber a totalidade histórica. Ela rompe as fronteiras da falsa consciência histórica por meio da vivência dos fatos percebidos através do materialismo histórico. Dessa forma, a própria Arte se firma como materialismo histórico.

A Arte facilita ao novo bárbaro perceber através do pensamento lógico-analítico o mundo da aparência criado pela Modernidade. Para explicar esse fato, Benjamin toma como exemplo Paul Klee e analisa a condição do artista moderno que se inspira na Matemática e na engenharia para recriar o mundo através de figuras

¹⁶ BENJAMIN, Walter. *Ursprung des deutschen Trauerspiels*, p. 160 a 167.

¹⁷ BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. IN: *Magia e Técnica, Arte e Política*, p. 116.

disformes, e assim, mostra sua percepção história depurada. Suas figuras pinceladas trazem uma fisionomia que expressa o sentimento de horror e dor.

Klee retrata a totalidade a partir do fragmento (a Arte) e aponta a possibilidade de uma nova consciência histórica. Klee é a personificação do novo bárbaro que busca atuar na condição de homem histórico através de uma nova consciência, cuja ação está atrelada ao caráter que percebe as contradições da realidade, rompendo com um mundo aparente imposto pelas convenções. E dessa forma, ele se apropria da cultura através da técnica para ir além da consciência burguesa.

Assim, somente com criatividade, o novobárbaro percebe no materialismo histórico a possibilidade de repensar a história porque somente o materialismo histórico pode elucidá-lo acerca das contradições presentes na cultura burguesa. Isso é percebido nas palavras de Benjamin quando afirma que “todos os bens culturais que ele vê têm origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram como à corvéia anônima dos seus contemporâneos¹⁸”.

O Humanismo é uma herança desses bens que se firma no âmbito da convenção, cuja realização se dá apenas na teoria, denunciando que “a cultura não é isenta de barbárie¹⁹”, porque a cultura é transmitida pelo poder da convenção e/ou força bélica. Assim, a nova barbárie aponta a ausência do humanismo como *práxis* social.

Nesse contexto cultural, Benjamin percebe o inumano se firmando no homem, pois existe uma tentativa burguesa de criar símbolos para demonstrar às massas a importância da técnica em suas vidas. E, simultaneamente, coloca-se a ciência à serviço da técnica para mostrar que elas representam o fim último do homem para o alcance da felicidade.

Benjamin utiliza a alegoria do boneco Mickey para demonstrar a relação de simbiose entre homem e tecnologia. A relação é simbiótica porque a técnica é incorporada à natureza do homem como necessidade fundamental para sua existência; sem ela a vida não tem sentido de ser. Portanto, a técnica é assimilada como uma extensão necessária e vital, porque sem ela o homem não pensa, não fala e não se alimenta, em última instância, não vive. Natureza e técnica se unem no corpo do camundongo *Mickey* como:

¹⁸ BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. IN: **Magia e Técnica, Arte e Política**, p. 225.

¹⁹ Idem, p. 225.

o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma²⁰.

O camundongo *Mickey* representa a experiência do choque da relação estabelecida entre primeira natureza (o homem) e segunda natureza (a técnica). Nesse aspecto, o cinema traz a experiência do choque por meio da imagem porque o aproxima da técnica que se torna a completude da própria existência, pois consegue, utilizando, de forma ilusória, a imagem. A técnica controla tudo o que é exterior ao homem para facilitar sua vida, evitando seu estranhamento em relação à própria existência. É nessa existência facilitada pela técnica que Benjamin vê no cinema o instrumento de democratização da Arte porque pode facilitar a emancipação.

No entanto, a burguesia ao projetar o discurso de emancipação pelo viés econômico facilita o desenvolvimento do inumano, tornando o humanismo uma abstração, por se constituir de ideias desvinculadas da realidade, demonstrando a ruptura entre ética e política como resultado de um discurso, cujo pressuposto é ideológico. Do ponto de vista prático, o humanismo não se efetiva quando se tem uma cultura na qual prevalece uma identidade forjada que se realiza entre o homem e a mercadoria, acelerando o processo de expropriação da consciência de classe, uma vez que ela possibilita a inserção do homem ao mundo burguês. No entanto, é nessa inserção que o novo bárbaro atua na transformação histórica.

Massificação e o Despertar

Em **A modernidade e os modernos**, Benjamin faz uma abordagem da obra e da vida do poeta francês Charles Baudelaire, onde analisa a preocupação do poeta com as mudanças com o advento da técnica. E o próprio Baudelaire sofre com as transformações e o processo de massificação que atinge todos. Para suportar o impacto que a Modernidade causa à humanidade com o progresso, ele cria seu herói para neutralizar a imposição do mercado literário, buscando subterfúgio de resistir ao processo de massificação.

Assim, o herói de Baudelaire se contrapõe ao progresso com a força interior permitida pelo *Spleen*, versão do melancólico moderno e, nesse estado criativo, foge do

²⁰ BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. IN: **Magia e Técnica, Arte e Política**, p. 118.

nivelamento sociocultural por meio dos “artifícios da sua prosódia, Baudelaire, imita os choques que suas preocupações lhe provocam e centenas de ideias com que as contratacava²¹”. O novo cotidiano fez do poeta um erudito, cuja inspiração ele encontra na Paris marginal, onde seu objeto de criação não é imaginário, mas real. O poeta também sofre a dor do herói moderno porque está submetido à condição de operário, mas não no interior das fábricas, e sim, de sua própria arte, uma vez que precisa comercializar sua poesia para garantir a própria sobrevivência.

Isso demonstra a oposição de Baudelaire ao romantismo, quando renuncia ao herói romântico. Seu herói²² se encontra no interior das fábricas e toda sua luta pela sobrevivência está vinculada a jornada de trabalho que se inicia ao sair de casa para fábrica. O heroísmo do operário está presente no destino imposto pelo progresso que o condiciona ao trabalho como única possibilidade de existência. Um destino aceito sem muito questionamento e/ou inquietação, porque a glória está no dever cumprido ao fim da jornada de trabalho. Para Benjamin, “aquilo que o assalariado realiza no trabalho diário não é menos importante que o aplauso e a glória do gladiador na Antiguidade. Esta imagem é imaterial do material das melhores experiências de Baudelaire; resulta da reflexão sobre sua condição própria²³”.

O herói baudelaireano se encontra na metáfora da esgrima, cuja vestimenta representa a figura de um proletário com porte musculoso adquirido pelo trabalho braçal desenvolvido no interior da fábrica. E, como qualquer herói, procura a glória e o reconhecimento porque “o obstáculo que a modernidade opõe ao élan produtivo natural do indivíduo encontra-se em desproporção com as forças dele [...]. A modernidade deve estar sob o signo do suicídio que sela uma vantagem heroica que nada concede à atitude que lhe é hostil²⁴”.

Dessa forma, o herói moderno fornece a falsa idéia de humanidade que empurra o homem para o conflito de natureza existencial. O suicídio está presente na Modernidade, representando a paixão heroica porque a morte ronda a classe operária, que busca um ponto de fuga. Assim, o progresso afasta o homem da tradição, conduzindo-o ao afastamento da memória, restando-lhe apenas lembranças. Isso se

²¹ BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os modernos*, p. 9.

²² Na tentativa de fugir do herói romântico, Baudelaire e Balzac buscam nova versão para o herói moderno. Na ação deste herói, estão presentes as paixões que o fortalecem todos os dias e o fazem sobreviver à condição de operário. O herói balzaquiano se torna nova versão do gladiador, que luta no dia-a-dia em sua jornada de trabalho.

²³ BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os modernos*. Op. cit., p. 12.

²⁴ Idem, p. 12 e 13.

firma nas palavras de Benjamin, quando afirma que Baudelaire percebe a presença “da existência controlada e desnaturalizada das massas civilizadas. Ele encarregou-se de deter os choques de onde quer que viessem, com sua própria pessoa – espiritual e física. A esgrima proporciona uma imagem desta defesa²⁵”.

Em **A crise do romance - sobre Alexandersplatz, de Döblin**, Benjamin nota que o surgimento da literatura romântica demonstra a pobreza de experiência transmissível. O romance cultiva a solidão, não tem compromisso com a verdade e não possui caráter educativo, pois lida com a informação. No romance, “o romancista segrega-se [...]. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites²⁶”. A segregação do romancista perpassa a esteira do sujeito lógico-analítico, pois a lógica do capitalismo nega a experiência de vida como possibilidade de compreender a própria existência.

Na Modernidade, a existência como aprendizado contínuo não é percebida pelo sujeito lógico-analítico que conhece a natureza a partir de um tubo de ensaio. Somente a “experiência” permite ao “corpo coletivo” absorver os fenômenos sociais porque a memória perpassa a vivência tanto individual quanto coletiva, ela se perpetua pelo tecer da narrativa que permite a troca de “experiência” de um povo.

A literatura romântica difundiu ideal burguês de sociedade, tornando-se o veículo de informação de sua ideologia. Com a classe burguesa

destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora,... Essa nova forma de comunicação é a informação²⁷.

A informação se torna fundamental para ideologia, por ser plausível, diferentemente da narrativa, cujo “saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou longe temporal contido na tradição -, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência²⁸”. A narrativa não carecia de plausibilidade, pois representava a experiência que vinculava o homem à tradição por meio da comunicação oral. Com a difusão da informação, a narrativa perde

²⁵Idem, p. 44.

²⁶ BENJAMIN, Walter. **O Narrador, Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. IN: **Magia e Técnica, Arte e Política**, tese 5, p. 20.

²⁷Idem, tese 6, p. 202.

²⁸Idem, tese 6, p. 203.

seu poder de transmissão porque não privilegia a explicação, ela possui a exatidão dos acontecimentos narrados.

Do ponto de vista histórico, a narrativa não impõe ao leitor da história o contexto psicológico da ação, porque ele é livre em sua interpretação. Diferentemente da informação, a narração tem o caráter experimental dos acontecimentos que não consegue influenciar ou alterar o aparelho psíquico do homem.

Nesse sentido, o narrador histórico torna o leitor apto à interpretação dos fatos históricos e sua narração aproxima o ouvinte da compreensão do “materialismohistórico”. A precisão dos fatos narrados determina o material histórico à sociedade. Diferentemente da narrativa, a informação tem caráter efêmero, necessita de explicação e seu valor de uso termina quando perde o caráter de nova e, nesse sentido, ela é volátil.

Portanto, a volatilidade da informação lhe expressa o caráter de nova, e isso, a conferi uma existência que tem tempo determinado. Nessa condição, ela precisa ser entregue ao momento preciso, porquanto seu tempo de duração é limitado, por isso ela necessita de explicação. A narrativa não se entrega, porque conserva a força da tradição, exigindo do homem um estado de distensão profundo porque possui caráter assistemático.

No ritmo do trabalho manual dos antigos, é tecido o dom narrativo como aprendizado de vida. Diferentemente da informação, a narrativa não é intencional, nem factual e traz a experiência do choque. Mas, a informação é intencional, factual e rompe com a constante experiência do choque, algo importante à metrópole moderno que vive da informação.

A metrópole moderna é vista como um espaço de imagens que conduz Benjamin na constituição de uma nova perspectiva sobre a cidade para compreender as mudanças por que passou o homem moderno. Benjamin percebe que a Modernidade não permite ao homem participar na elaboração da História porque a consciência burguesa se alimenta da história linear para conduzir os fatos na esteira do historicismo, que por sua vez tolhe a formação da consciência do homem histórico.

Em **Sobre o conceito de história** (*Über den Begriff der Geschichte*)²⁹, Benjamin descreve o compromisso do historiador com a historiografia. Para ele, o historiador precisa fazer uma leitura de fases passadas da história, para, em seguida, correspondê-las ao presente, é dessa forma que se constitui a identificação entre

²⁹ BENJAMIN, Walter. *Illuminationen*, p. 251 a 261.

presente e passado. Ele acredita que a identificação entre esses períodos facilita repensar a história descontinuamente e elaborar um presente à luz da tradição e, através desse processo de identificação, o historiador evita nos seus relatos a repetição e a reprodução da história, porque o futuro é a projeção do presente.

A história presenciada por Benjamin em sua época apresenta o método da empatia que valoriza a história linear. Para mudar a visão linear da história, é necessário recorrer ao materialismo histórico, somente assim, o historiador rompe com o método da “empatia”, que, por sua vez, rompe também com o historicismo, que sempre beneficia a história dos “dominadores” (*Herrschenden*)³⁰. Assim, a história dos “vencedores” é finalizada com a mediação do “materialismo histórico”, que fornece condições ao homem de romper com o historicismo e colocar a “Teologia” a serviço da sociedade.

Na Concepção de Benjamin, a “teologia” desperta na alma o caminho à felicidade que não perpassa somente a existência, mas revela a história, porque “a imagem da felicidade está indissolúvelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção³¹”.

A “frágil força messiânica” concebida pelo autor é concedida a cada geração que se dirige com apelo ao passado. Esta força se encontra na atuação da consciência do homem histórico, quando percebe por intermédio do materialismo histórico a história dos oprimidos (*Unterdrückten*)³². O historiador narra os acontecimentos sem esquecer os fatos determinantes para a transformação da história, pois a narrativa histórica auxilia na apreensão da imagem.

Ele aponta a importância do conhecimento do passado histórico para a luta de classes. Ao contrário dos historiadores marxistas, ele crê que a luta de classes deve buscar “as coisas refinadas e espirituais”, porque são elas que trazem “confiança, coragem, humor, astúcia, firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores³³”.

Em sua concepção de Benjamin, não existe uma verdadeira luta de classes sem o conhecimento profundo da história. O materialismo histórico é o instrumento fundamental para o homem aprofundar esse conhecimento, porque com ele o homem estará atento à imagem do passado que se dirige veloz ao presente.

³⁰Idem, p. 254.

³¹ BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. IN: **Magia e Técnica, Arte e Política**, p. 223.

³²BENJAMIN, Walter. *Illuminationen*, p. 254.

³³ BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”, p. 223 e 224.

A articulação do passado com o presente acontece pela reminiscência imediata da tradição, pois é fundamental cada época libertá-la. A tradição não pode ser vítima do conformismo, haja vista que o inimigo se apodera da história. O materialismo histórico se desvia da cultura, por ser determinada por intermédio dos bens culturais transmitidos sob “a égide da barbárie”.

Isto é o pressuposto que Benjamin utiliza para remeter essa tradição à sua época, quando assinala que é necessário “originar um verdadeiro estado de exceção” para combater o fascismo. Afirma Benjamin, “o fascismo se beneficia da circunstância de que os seus adversários o enfrentam em nome do progresso, considera como uma norma da história³⁴”. Os episódios históricos ocorridos e presenciados por Benjamin no século XX, em nome do progresso, não produziram nenhum conhecimento para beneficiar a humanidade. Ele percebe um discurso literário livresco e jornalístico que romantiza e naturaliza a guerra e escraviza o homem à técnica em nome da guerra.

Por certo, o discurso de inferioridade das massas perante o inimigo maior, fez da guerra um instrumento para fugir da tutela da monarquia. Com esse discurso, a burguesia forma seus oficiais e suboficiais e aniquila o elemento de culto da guerra presente em comunidades teocráticas que admitem a derrota. Ela utiliza a derrota da guerra para despertar a fúria nas massas e prepará-las à vitória futura.

Benjamin observa, na realidade alemã do século XX, o desvio do homem em relação à tradição que fomenta uma cultura construída sob um “monumento de barbárie”. A cultura alemã, na República de Weimar, é uma herança do triunfo constituído a partir da ideologia burguesa em favor do historicismo como resultado da *facieshipocrática* - degeneração descoberta no processo de imanência da História com a natureza.

A fuga do Fascismo estaria no materialismo histórico porque rompe com o conformismo, por proporcionar a leitura da imagem histórica do passado. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender o século XVII, uma vez que ele facilita ao homem entender a situação política em que se encontra a Alemanha do século XX. Em relação ao século XVII, ele analisa a situação política alemã, atrelada à ação do Príncipe barroco e à moral luterana.

A reflexão de Benjamin do período barroco demonstra que, no século XVII, existe total desestabilização política, desesperança no plano religioso e espiritual. Para o homem do barroco, o sentimento que paira é o de fragmento. Com a bipartição (corpo e

³⁴Idem, Tese 8, p. 226.

alma), o homem se apega à vida pragmática mediante o incentivo ao desenvolvimento da arte e da ciência, na tentativa de encontrar a felicidade terrena no instante. A fragmentação faz o homem barroco perceber que a vida é fugaz. A fugacidade é o resultado da rigidez da moral luterana que incentiva a ação do *carpe diem*³⁵ (fruição do instante), facilitando à alegoria unir o eterno e o transitório.

A fruição do momento é o reflexo da desconfiança espiritual e religiosa do homem em relação ao mundo, porque não existe ponto fixo, o que leva ao homem perceber que as significações do mundo são vazias, a salvação depende, exclusivamente, do desígnio divino, Deus deixa de ser o centro, tudo passa a ser transitório. No barroco, o fragmento alimenta-se do eterno retorno do tempo (dia e noite), que se assemelha ao do progresso na Modernidade. O Barroco não camufla a história, quando apreende o tempo viciado (dia e noite).

A Modernidade traz esse tempo viciado, quando concebe no progresso o retorno do velho como sendo novo. Barroco e Modernidade concebem o destino fechado. No Barroco, o destino fechado é o resultado da dualidade do homem. Assim como na natureza – céu e terra, ele concebe o conflito entre claro e escuro, evitando a camuflagem da história. A dualidade torna-se presente na ação do Príncipe, que compromete sua soberania.

O poder do soberano pressupõe a presença do conflito dual na história que tramita a partir da personalidade ambígua do monarca: em alguns momentos, ele se faz mártir e em outros se faz tirano. A dualidade do soberano aponta a atuação do fragmento na política e na história, facilitando a ação da consciência do homem histórico, que permite ler a história sob os dois aspectos da natureza contraditória.

Os elementos barrocos – dualidade que afeta ação do Príncipe, resultado do destino fechado, a fruição no instante, a transitoriedade e o fragmento alimentando o eterno retorno do tempo (dia e noite) – estão presentes na Modernidade incorporados ao

³⁵Benjamin reflete a intenção do teatro alemão barroco, dirigido e escrito em latim pelos jesuítas, na Alemanha do Sul e na Áustria. Esse teatro tinha finalidade de tornar pública a Contra-reforma e institucionalizar o catolicismo. O drama jesuítico, para alcançar seus fins, recorre a todos os recursos cênicos de exuberância de personagens alegóricos para simbolizar virtudes e vícios presentes no homem. As cenas teatrais são as mais brutais possíveis para persuadir a opinião pública e levá-la a perceber que toda relação do corpo humano com o mundo significa profanação. Os sentidos e as paixões representam a afirmação da vida mundana. Esta é ilusória e conduz o homem à morte. A única possibilidade de salvação e aproximação entre finito e infinito ocorre com a mediação da Igreja. A Igreja Protestante também utiliza o teatro para se aproximar dos fiéis. Sua inspiração se encontra em temas que retratavam a finitude humana, porque a ausência de transcendência conduz o homem ao sofrimento por estar entregue ao destino.

progresso, em que tudo é profanação mediada pelo poder de reificação e deificação da mercadoria.

Considerações Finais

A relação entre mimese e consciência histórica pressupõe o processo de apreensão histórica dos fatos, cujo princípio norteador desse processo é o materialismo histórico. Para Benjamin, salvar o passado histórico pressupõe repensar o presente, e, nessa perspectiva, ele fez um estudo político-cultural do Barroco na tentativa de compreender a situação caótica em que culminou a democracia social alemã. No barroco estaria a origem de uma concepção de soberania que não facilita qualquer transformação política e a história política do século XVII corresponde ao materialismo histórico que conduziria Benjamin a compreender a ação da Social Democracia Alemã.

O aspectocatastrófico da história barroca significa as ruínas que demonstram os vestígios de uma história construída a partir de uma soberania pautada na razão de estado, cujo princípio era o poder incontestável do monarca e a ausência de qualquer ação política por parte dos súditos. É justamente um passado construído de ruínas que possibilita repensar a Modernidade, cujos pressupostos políticos se encontram presos às amarras do discurso burguês.

Assim, as ruínas se tornam a imagem dialética fornecida pelo materialismo histórico, cuja função é instalar um verdadeiro “Estado de Exceção” na política do século XX. Dessa forma, é necessário compreender a história do Barroco como “ruína” (*Trümmer*)³⁶, porque ela é resultado da dessacralização e do Racionalismo. Benjamin percebe que é necessário compreender a política do período Barroco, porque não entendê-la significa abandonar a possibilidade de reflexão sobre a saída para a situação política da Alemanha do começo do século XX.

Por certo, a antologia de Benjamin demonstra profunda afinidade dos leitores e críticos alemães entre o período melancólico do pós-guerra dos trinta anos e o período de derrota, humilhação e miséria do pós-Primeira Guerra. No Barroco, a dualidade do monarca é decisiva para a ação política, tornando-se a imagem do passado que Benjamin capta como material histórico fundamental para compreender a política alemã que culmina numa apatia generalizada, em que todas as decisões do ponto de vista econômico, social, político e cultural é entre a política representativa. A ação do

³⁶ BENJAMIN, Walter. *Illuminationen*. Op. cit., p. 255.

príncipe está imerso no processo de fragmentação, cujo princípio está na ausência de transcendência, característica do século XVII. Isso conduz o monarca à transformação na precariedade e no *fragmento*, embora o homem barroco não tenha conseguido se libertar do destino fechado.

No século XVII, a melancolia determina o comportamento político do soberano e conduz à razão de Estado porque é a certeza da individualidade do príncipe que se vê abandonado e entregue ao destino. A decisão individual pressupõe a ação numa dimensão do caráter, pois qualquer ação individual compromete a instância coletiva. Em vista disso, a figura alegórica do “caráter destrutivo” pressupõe a capacidade de destruição e construção da força apolínia da reflexão na ação soberana de uma consciência histórica, que busca caminho na própria ruína.

Portanto, a soberania se realiza a partir da consciência do homem histórico, que conhece a realidade e tem compromisso e responsabilidade com o outro, ultrapassando a ação do sujeito do conhecimento histórico, que a consciência burguesa criou. Este sujeito não é capaz de pensar a história no aspecto atemporal e descontínuo porque neutraliza a consciência do homem histórico, que se encontra desvinculado da imagem do passado descontínuo e atemporal. No entanto, a imagem do passado é um fragmento da história que transporta significação para o presente.

Portanto, o sujeito lógico-analítico e transcendental facilita a ação do sujeito do conhecimento histórico de pressuposto burguês de concepção que não permite a experiência e não conduz o homem à contemplação da história, por tolher o lado criativo como consequência da imposição de uma razão abstrata.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, 108p.

_____. (Org. BOLLE, Willi). **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie**. São Paulo: Cultrix, , 1986, 201p.

_____. **Das Passagen – Werk**. Erster Band: Edition Suhrkamp, SV. , 2000.

_____. Obras escolhidas I, **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed., 10 reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996, 253p.

_____. Obras escolhidas II, **Rua de mão única**. 5ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2000, 277p.

_____. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984, 258p.

CALLADO, Tereza de Castro. **O Drama da Alegoria no Século XVII Barroco**. *Kalagatos*, Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE. Volume I, nº 2, Fortaleza: Verão 2004, 30p.

LUTERO, Martinho. **Da liberdade do Cristão**(1520). São Paulo: Editora UNESP, 1998, 127p.

MARRAMAIO, Giacomo. *Potere e secolarizzazione: Le categoriedel tempo*. Torino: BollatiBoringhieri, 2005, 234p.

MATOS, Olgária Chain Féres. **Os Arcanos do Inteiramente Outro: A Escola de Frankfurt, a Melancolia e a Revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1989, 288p.

_____. **O Iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant**. São Paulo: Brasiliense, 1993, 173p.

_____. NOVAES, Aduino (Org.). “Os sentidos da Paixão”. IN: **A melancolia de Ulisses: A Dialética do Iluminismo e o Canto das Sereias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 14p.